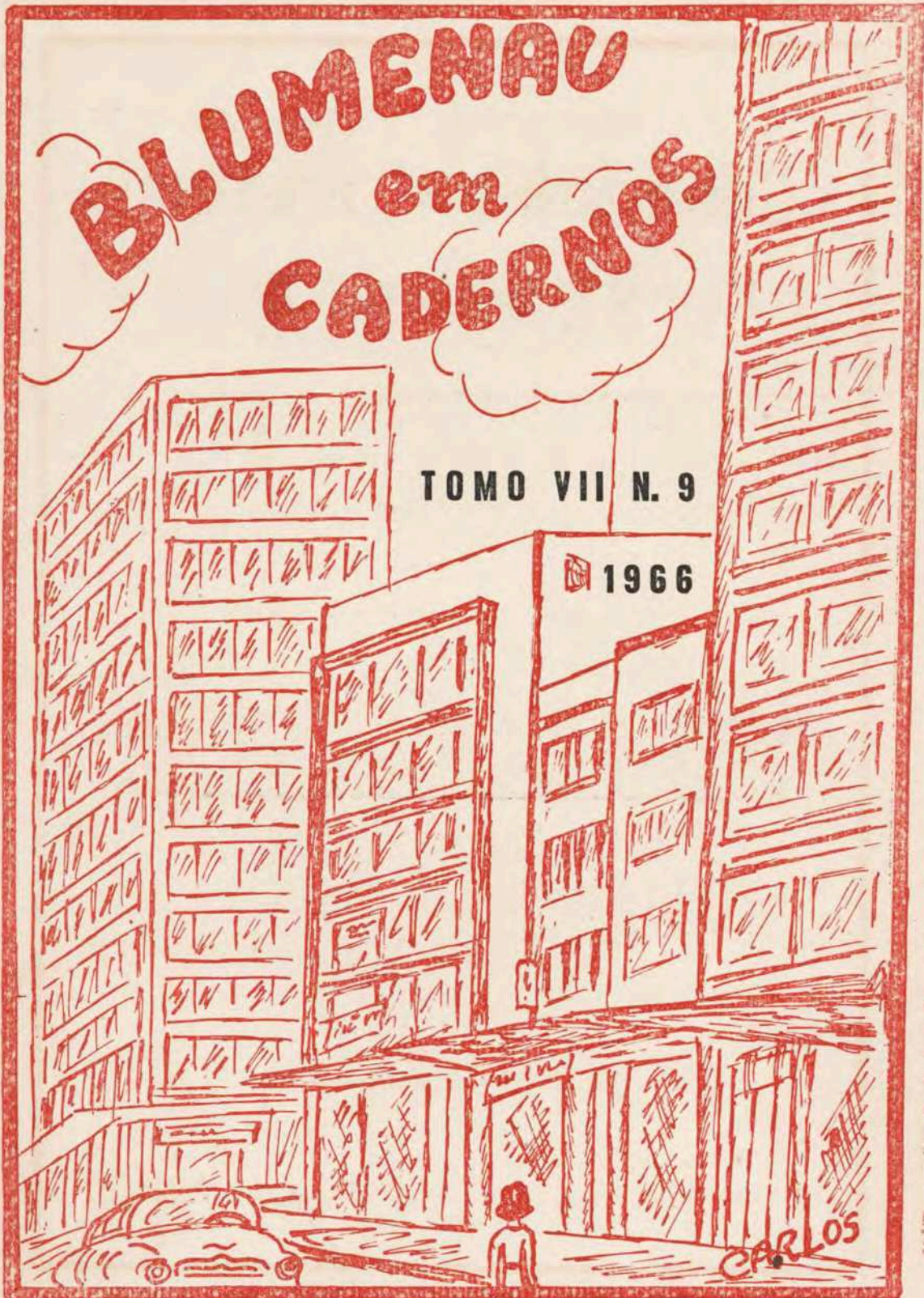


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII N. 9

1966



HOTEL REX

— O MÁXIMO EM COMODIDADE E CORTEZIA —



100 APARTAMENTOS DOTADOS

DE TODO CONFÔRTO

Rua 7 de Setembro, 640

BLUMENAU - STA. CATARINA

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VII



Nº. 9

OTHON DA GAMA LOBO D'EÇA (IN MEMORIAM)

Em uma das últimas cartas dessa correspondência que vimos mantendo desde alguns anos, Altino Flôres teve ensejo de referir-se em termos os mais carinhosos a Othon d'Eça, há pouco falecido. Devidamente autorizado pelo seu signatário, e como homenagem à memória do inesquecível homem de letras catarinense, publicamos hoje a mencionada carta, através da qual Altino Flôres manifesta a sincera e profunda estima que nutria pelo amigo desaparecido.

Carlos da Costa Pereira

Florianópolis, 4 de abril de 1965,

Prezadíssimo Carlos,

Sua última carta tem a data — já agora, quase antediluviana — de 19 de fevereiro. Nela me diz V. que eu possivelmente devia estranhar a demora que tivera em responder à que lhe escrevi em 19 de janeiro. Demora por demora, estamos quites, caríssimo Carlos. Você deu-me as suas razões. Que direi eu? . . . Nós, velhos, já não temos segurança nenhuma na turva correnteza do tempo, *scilicet* da vida. Os pequenos azares, contratempos e imprevistos que outrora vencíamos com um simples gesto de quem enxota uma môca, aliguram-se-nos agora insolentes problemas que nos derrotam. Diz-se que o envelhecer nos vai preparando para tudo; quando, afinal, não nos sentimos preparados para nada, inclusive para êsse «baixar de pano» (dramático? trágico? cômico?) que é a morte.

Lembra-me, a propósito, uma estância de Racan, que o meu velho professor de Francês, certa feita, nos deu para decorar, declamar e analisar, e da qual apenas três versos me ficaram na memória:

“ Qu'on fasse de la mort un mal épouvantable

“

“ En elle je ne vois qu'un moment délectable

“ Qui consome nos biens et met fin à nos maux”.

Poeta valente, em bem escandidos versos! Mas eu sempre dese-

jaria saber com que cara teria êle recebido, na realidade, a visita da Ceifeira inexorável. Ainda quando ela vem e, ao invés de pôr-se a cutucar-nos com a pontinha da segadora, nos desfecha logo o certoiro, o fundo, o definitivo golpe, não é (talvez...) nada: somos derrubados sem saber por quê, como um pinheiro que o raio abateu.

Era assim que Renan desejava acabar. O autor das *Origens do Cristianismo*, no entanto, agonizou sob as lentas punhaladas de atroz pneumonia. Mas o nosso amigo Othon — Othon da Gama Lôbo d'Eça, o *Baby* da nossa intimidade — teve o fim por que suspirava o historiador francês, o qual confessava carecer de feitiço para morrer, desvairado de heroísmo numa trincheira ou numa barricada.

A morte do Othon foi uma das maiores tristezas que já me lancearam no decurso dêstes meus setenta e três anos. Agora mesmo, caríssimo Carlos, ao escrever-lhe isto, sinto que as lágrimas me empanam os olhos.

Êle faleceu, mais ou menos às 22 horas de domingo, 7 de Fevereiro. No dia seguinte, quase à hora do entêrro, o Gustavo Neves me lembrou pelo telefone que, sendo eu, como Secretário Geræl, a segunda pessoa da diretoria da Academia (da qual o Othon era Presidente), competia-me falar, em nome dela, no ato do sepultamento. Tive ainda tempo de rascunhar algumas frases, cuja frouxidão denuncia não apenas a pressa com que foram postas no papel, mas, sobretudo, o confuso estado do meu espírito, naquela dolorosa conjuntura.

Othon d'Eça foi, talvez, a mais original figura da geração que succedeu à de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Nunca aprendeu com segurança a sua língua, e fêz-se escritor de fina sensibilidade; nunca estudou pintura, e pintava apreciavelmente; nunca se enfronhou nesse «hieróglifo sonoro» que é a música, no dizer de Moréas, e, no entanto, musicava com galhardia ao piano.

Como escritor, foi, sempre, um herético em ortografia. Começou por imitar a *maneira* de Coelho Neto, com alguma felicidade; passou, depois, a imitar o Eça, com felicidade bastante; e últimamente (veja *Homens e Algas*) imitava o Raul Brandão (dos *Pescadores* e das *Ilhas Desconhecidas*), com extrema felicidade. Aquela excelente criatura obrava assim, por ignorar o talento original com que Deus o dotara. Tudo, porém, se lhe perdoava, porque era bom, afável, generoso, desinteressado. Conversador inestancável, parece-me estar a vê-lo numa roda de amigos — alto, moreno, bem feito de corpo, embora magro, nariz forte, cabelos meticulosamente tingidos de prêto — espalhando gestos para a direita e para a esquerda, entre ironias e paradoxos, como se desejasse monopolizar tôdas as atenções; e era então que se lhe poderia aplicar aquela frase de Saint-Simon, creio eu, a respeito de Fénelon: «*Il fallait faire effort pour cesser de le regarder*».

Não faz muito tempo, em sua casa, revelou-nos êle — ao Henrique Fontes, ao Nereu Corrêa e a mim — que estava a escrever as «memórias» do «grupo» (leia «geração») a que êle e eu pertencêramos, mas que, todos, aparecíamos ali sob pseudônimos. Ao que advertiu o Fontes — com aquêlê jeitinho meio irônico que nós lhe conhecemos, a coçar o bigode com a ponta do indicador direito — que mais acertado seria apresentar-se cada qual com o seu nome próprio, sob pena de as «memórias» virarem nebulosa charada

ou secreto baile de máscaras. . . O Othon ficou um instante pensativo e disse por fim:

— Você parece que tem razão, Fontes. Vou pensar nisso. . . Vou reler o que já está escrito, para ver a mudança que se fizer necessária. . .

Quando, atacados de comichões literárias, lá pelas alturas dos nossos 18 ou 20 anos, começávamos a rabiscar para os nossos próprios jornaizinhos, cuja impressão nós mesmos nos cotizávamos para pagar, escreveu *Baby* esta frase de tão delicado ineditismo na abertura de uma página impressionista: «*Dia crepuscular de inverno*» . . . Uma gazetinha galhofeira chamada *A Thesoura* (com th!) meteu a riso a frase, observando que não há dias *crepusculares*, visto que o *crepúsculo* é apenas uma fase de transição (matinal ou vespertina) do dia; podia-se dizer: *hora crepuscular*, *luz crepuscular*, etc.; mas, nunca: *dia crepuscular*.

O *Baby* não teve que responder; nem ninguém, igualmente, achou, na ocasião, resposta nenhuma, apesar de *sentirmos* que a frase era bela, de uma beleza palpitante de melancolia.

Nas minhas leituras, através dos anos, topei, muitas vezes, o adjetivo *crepuscular*, ora empregado com estrita propriedade, ora usado com menor ou maior liberdade de significação, sem que jamais me passasse pela cabeça a idéia de recolher e colecionar todos êsse achados. Mas, felizmente, três ficaram registrados; encontrei-os agora, num retalho de papel, entre as páginas do *Cinza e Bruma*, do Othon. Vou recopiá-lo aqui, para que V. os aprecie:

O primeiro vem de Oliveira Martins: «*realidade crepuscular*» (*História de Portugal*, 9.^a edição, tomo II, página 215);

o segundo vem de Benedetto Croce, infelizmente não no original (*crepuscolare*), mas em tradução espanhola, que acredito ser, nesta passagem, ao pé da letra: «*visión crepuscular*» . . . (*Breviário de Estética*, trad. castelhana de José Sanchez Rojas, lección cuarta, página 136);

O terceiro vem de Albert Thibaudet: «*montagnes crépusculaires* . . .» (*Lez images de Grèce*, página 21).

Pela sua ousadia, particularmente, esta frase de Thibaudet parece-me tão poética quanto o «*o dia crepuscular de inverno*» do saudoso amigo Othon d'Eça. Não lhe parece?

Recordo tudo isso, prezado Carlos, somente em louvor dêle, que, por ser tão bom, tão amável, tão confiante, não sabia (ou não podia?) resistir à embriagadora influência das coisas belas que em outros autores se lhe deparavam. Que soberbo artista não seria êle, se se tivesse desvencilhado do visco de certas leituras impressivas e temperasse as suas emoções estéticas na forja da própria originalidade! Seja lá como fôr, temos de reconhecer que deixou páginas extraordinárias, dignas de uma antologia.

No seu segundo livro «. . . aos *Espanhóis Confinantes*» (1929), há belos trechos transbordantes de côr e movimento. Se V. o tem ao alcance da mão, queira reler as páginas 93 - 95, em que êle descreve uma «picada» na mata hirsuta. Outro quadro de nítidos recortes é o que começa

assim na pág. 220: «Passei um dia agradável. . . » e vai até à página seguinte. Por duas vezes traça êle um paralelo entre o homem ilhéu e o homem serrano (pág. 118 - 122 e pág. 228 - 237), acumulando muitas observações exatas e não poucas românticamente deformadas, mas tôdas elas traduzidas numa prosa pinturesca, de singularíssimo encanto (descontadas, é claro, as excentricidades gramaticais, de que êle mesmo ria com gôsto quando os amigos lhas apontavam)

Não sei o que será agora da Academia Catarinense de Letras, cuja presidência êle vinha ocupando há vários anos, já com o mandato extinto e contra o quê ninguém se insurgia, porque êle tinha muito amor àquele cenáculo, e porque o cargo de presidente é um verdadeiro pau com formigas ou um rabo de foguete em que ninguém queria pegar. . . Êle era a Academia como o Fontes é o Instituto Histórico, — com a diferença de que êste faz questão de que a sua eleição seja coisa efetivamente legal.

Esta carta já vai longa. Desculpe-me. É a única maneira de conversar com V., a quem abraço com a velha e sacra amizade.

Altino FLÔRES

“MENSAGEM IRMÃ”

Professôra Jandira A'VILA

- Professor,
Ouve esta voz irmã que te fala,
Esta voz que te convida e que te chama
Num apêlo veemente de alma que anseia
O raiar de um mundo nôvo.
Um porvir alegre e edificante
Cheio de paz, cheio de amor, cheio de fé!
- Professor,
Abre teus olhos para o que és!
Medita e compreende tôda a extensão
Da sublime missão que abraçaste;
Olha a amplidão do céu,
Olha a grandeza do mar,
Olha tôda a pujança do mundo ao teu redor;
Êle é teu!
Em tuas mãos está a chave que abre corações;
Em tuas mãos está a alavanca que move,
Pedra por pedra, muralhas e paredões.

Que estas mãos sejam ágeis, leves, mas firmes
Ao mover os ferrolhos dos grandes portões.
Que elas sejam suaves como mãos de fada
Cujo toque a varinha de condão
Tem a fôrça magnética da transformação.

- Professor,
És um poeta!
Que de teus lábios saiam sòmente
Versos sublimes brotados do coração
Quando à criança tu falas
Palpitando de emoção!
- És musicista!
Tenha tua voz a harmonia das notas musicais.
E que de tua alma brotem cantigas,
Cantigas de ninar
Que têm o dom de adormecer
Num delicioso descansar!
- És pintor, és arquiteto, és escultor
Pois tu retocas, tu constróis, tu crias!
Que da massa bruta surjam, por tuas mãos,
Anjos de luz, de beleza e de valor.
- Professor,
Que teus gestos sejam bênção,
Que teus olhos sejam luz,
Que teus lábios sejam diques
Que ao se abrirem soltem cascatas brilhantes,
Argênteas, sonoras e deslumbrantes
Que tenham o dom de afastar o mal e trazer o bem!
- Que tua alma jamais se esqueça,
No desabrochar de novos encantos do mundo,
O apêlo divino do grande Educador,
Aquêle que te dá luz, que te dá ânimo,
Aquêle que te mostra
O caminho do Bem, da Justiça e do Amor!
- Pai de todos nós, Ele te fez pai;
Mestre de todo o mundo, Ele te fez mestre.
Sê digno da confiança divina
Não deixando, jamais, a chama que te ilumina
Perecer na frieza do desamor.
- Que as flôres que Ele te pôs nas mãos

Continuem frescas e perfumadas, e delicadas
Sem manchas, sem miséria, sem maldade!

- Professor,
O sol ilumina; êle é grande, é poderoso;
A chuva rega; é sublime, é admirável;
O orvalho refresca; é bondoso, é dulcíssimo;
O vento purifica; é dinâmico, é majestoso;
Mas tu, Professor, és mais pois fazes mais:
- Tu formas, tu ensinas, tu preparas, tu educas.
E, sem paixões, sem ódios e sem lutas
Vences o fragor e trazes a bonança
Porque tens em tuas mãos
Um ser benéfico de candidez deslumbrante
Obra prima da humanidade,
Emblema de tôda grandiosidade,
Símbolo de tôda esperança.
- Professor,
Tu tens a Criança! 23/10/63.
-
-

O Vale do Itajaí e a Revolução de 1893

Em mais de uma oportunidade referimo-nos, nestes «Cadernos», à cruenta revolução de 1893 que durante vários meses enlutou os três Estados do Sul. Publicamos até com destaque as memórias de Fides Deeke, que participou dos acontecimentos e dêles nos deixou um impressionante relato. Blumenau e o Vale do Itajaí viveram, naquela época, dias de grande pânico, já pela passagem por aqui das fôrças legalistas de Pinheiro Machado, já pelo aparecimento também das tropas maragatas, comandadas por Gomercindo Saraiva. Um grupo de blumenauenses chegou a pegar em armas e, dirigindo-se a Destêrro, nome da nossa antiga capital, depuzeram o vice-governador Eliseu Guilherme, no exercício do cargo, para substituí-lo por Hercílio Luz, proclamado governador pela Câmara Municipal desta cidade. Êsse episódio, bem como outros de muito interêsse, já foram dados a conhecer aos nossos leitores, não só nas citadas Memórias como em várias outras ocasiões. Temos procurado trazer para estas páginas tudo quanto se tem escrito sôbre tão memorável episódio para que os estudiosos possam aqui encontrar elementos para uma futura história da revolução florianista neste e nos demais municípios da Bacia do Itajaí.

Blumenau, como se sabe, acolheu por alguns dias, primeiramente, as fôrças de Pinheiro Machado e, depois as de Saraiva que acabaram travando renhido combate em Itajaí

A respeito dêsse último fato, há referências muito minuciosas no livro de Albino José Ferreira Coutinho, «Marcha da Divisão do Norte», impresso nas oficinas do «Correio do Povo», de Pôrto Alegre em 1896. Tão

logo nô-lo permita a carência de espaço, transcreveremos do citado livro tudo quanto se relacionar com o Vale do Itajaí.

Hoje, limitar-nos-emos à transcrição de trechos de um outro livro sôbre o marcante episódio. É a biografia de Silveira Martins, o chefe civil da revolução, escrito por José Júlio Silveira Martins. Nêsse trabalho o Autor transcreve cartas interessantes em que vêm citados, por mais de uma razão, os nomes de Blumenau e de Itajaí. Uma carta por exemplo, do Conselheiro Maciel a Silveira Martins, datada de 3 de novembro de 1893, diz, entre outras coisas: "Uma falsa notícia que só hoje pude verificar, faz-me demorar na comunicação direta do resultado da minha comissão. Ela foi inteiramente frustrada por haver Custódio mudado de opinião a respeito da organização da Junta, resolvendo-se a conservar Lorena como seu vice-rei a todo custo e querendo dar-me o papel de secretário daquele "sans-façon". Só verbalmente poderei expôr-lhe quanto foi êle batido em todos os subterfúgios que procurou para justificar a sua fuga do dever e quanto ficou desmoralizado Lorena... Basta dizer-lhe que a Câmara Municipal, Congresso Estadual, Diretório Federal, Exército, officialidade tôda da esquadra, exigiram que Custódio cumprisse a sua palavra organizando a Junta e dando-me parte nela, para que avalie a situação em que êle ficou com a sua negativa. Tive que impedir que o govêrno fôsse depôsto à fôrça e Custódio exautorado do comando por sua officialidade . . . Retirei-me, porém, declarando a Custódio que o Exército riograndense, único que existe em terra pronto a combater, não obedeceria mais ao govêrno de Lorena; que êle continuaria a operar em Santa Catarina até a derrota de Pinheiro Machado *sôb as ordens dêle, Mello, por ser almirante da esquadra* que com dito exército tinha que operar contra aquêle inimigo comum; que terminada a dita operação, o exército voltaria para o Rio Grande por terra, ou por mar, se Mello dêsse o transporte, o que prometeu mas não cumprirá.

A inação de Mello desespera a armada, que conhece o apuro da situação de Saldanha, o qual pede auxílio todos os dias, sem que Mello se resolva a dá-los . . . A Mello nada serve desde que possa redundar em honra de Saldanha ou Martins. Falei-lhe de seguirmos mesmo para o Rio de Itajaí. Responde-me que era preciso tomar o Paraná e São Paulo . . . Por tudo quanto ouvi e deixei, não me admirarei que a esquadra tenha levantado ferro e seguido sem Mello a apresentar-se a Saldanha . . . Nosso exército ficou todo em Itajaí, base de operações contra Pinheiro Machado que está encastelado nos matos e serras de Blumenau. Digo em Itajaí, por ser base das operações. As nossas fôrças porém estão em três colunas, cuja situação verificar-se-á pelo mapa e que manobrarão a um tempo sôbre Blumenau. A primeira coluna, flôr do exército, que está inteiramente separada dêle 8 léguas, de 1.000 homens sob o comando do Artur como chefe do Estado Maior atacará Blumenau diretamente, onde está o grosso das fôrças de Pinheiro Machado.

Gomercindo atacará de Itajaí naquela direção com fôrças suas (Brigada Estácio e outra) e fôrças da marinha, 25 de Infantaria (prisioneiros, hoje nossos) e uns 100 catarinetas, mais apoiado em todo o rio Itajaí por duas lanchas artilhadas e quatro frigoríficos. Salgado partirá de Brusque, onde o deixei já acompanhando movimento sôbre o centro de Blumenau. Cada coluna leva artilharias e está organizado de modo a resistir por si só a todo o exército inimigo. Êste ou será batido, ou terá de reinternar-se no sertão para sair em Curitiba, o que será a sua perda total pela debandada. Considera-se tal fôrça completamente perdida. Estive em Itajaí com todos os

amigos, menos os que estão com Artur em Blumenau, onde não pode chegar e todos muito se lhe recomendam. Vasco Martins, que está em plena convalescença, manda-lhe a bala que o feriu em Itajaí, cuja extração se fez com facilidade.

A carta, de que extraímos os trechos acima, fôra datada da Ilha das Flôres (Rio de Janeiro), de 1.º de janeiro de 1894.

Como se vê, embora a revolução já estivesse praticamente dominada por Floriano, o missivista Maciel estava bem informado e as suas intuições eram bem seguras.

Realmente, as fôrças de Pinheiro Machado, comandadas pelo general Lima não deram combate aos maragatos em Blumenau, preferindo recuar para a serra e dali para o Rio Grande. Relativamente a essa retirada é que se referem as memórias de Fides Deeke, que publicamos nos números 2 e 3 dêste Tomo.

Outra circunstância interessante, que se depreende de diferentes passagens do livro de José Júlio Silveira Martins é o lato das desavenças entre o chefe da revolução no Rio Grande e Custódio de Mello. Êste, com a sua teimosia e o seu egoísmo, segundo muitos autores, foi o «coveiro» da revolução federalista. Aliás, a carta que Silveira Martins lhe dirigiu em 1.º de novembro de 94 e que o filho transcreve, é boa prova dêsse fato.

«Mas o que está feito - diz Silveira Martins na citada missiva - é tudo quanto há de mais contrário aos princípios da Revolução Rio Grandense, é um arremêdo do florianismo, que tira à revolução à sua razão de ser. O Capitão de mar-e-guerra Lorena, na proclamação que incluo e que explica a razão do govêrno, nos dois parágrafos que vão assinalados, desgoverna, para falar linguagem de marítimo: no primeiro parece um subalterno que se insurge contra o seu superior, pois é o comandante de uma divisão que se faz govêrno a pedido dos vários órgãos da opinião catarinense porque o *patriotismo* não admite escusas; no segundo é uma investidura conferida por *delegação* do Comandante da Esquadra.

E o Rio Grande em tudo o que é? o que representa? Nada! No entanto foi êle quem primeiro levantou o estandarte da revolução, quem se acha há oito meses com as armas na mão, quem tem dado dez combates, sempre vitoriosos...

Permita-me que use da habitual franqueza: para vencer não faça questão de etiquetas, de precedências, de antiguidade; lembre-se só que a revolução da esquadra é sua e sua principalmente será a glória do triunfo; procure pessoalmente Saldanha, lisonjeie-o, forme govêrno com êle; obrigue-o a o aceitar, que o ato será seu e não dêle...

O estado das nossas fôrças é excelente; temos na terra Salgado e Gomercindo com 5.000 homens que, por falta de cavallada, podem correr grande perigo e mesmo entrar em Santa Catarina; temos, sitiando Bagé, 1.400 homens com Tavares e em marcha para aêle se incorporarem e tomarem a cidade 1.200 homens perfeitamente armados. Aqui estão armando em guerra a Santos e Destêrro, que com *Tiradentes* e *Bahia* formarão esquadra para atacar Santa Catarina...

Em próximas edições daremos outras notas sôbre a revolução de 93, inclusive o «Diário» da marcha da coluna de Pinheiro Machado desde o Rio Grande a Itajaí e desta novamente à terra gaúcha.

UM FATO LAMENTÁVEL

Como órgão destinado ao estudo e à divulgação da história de Santa Catarina, «Blumenau em Cadernos» não poderia deixar de registrar a sua estranheza e de lavar o seu protesto contra o fato de ter sido demolida a velha matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, na sede do município dêsse nome.

Obra das mais antigas do Estado, o pequeno templo podia orgulhar-se de uma bela tradição.

Edificada em 1839, pelo cirurgião Luís Rodrigues Pereira, proprietário da Armação de Baleias na Ponta da Itapocoroia, o pequeno templo teve os seus dias de glória, tendo visto crescer várias gerações de pescadores e agricultores que residiam no vasto distrito que se estendia desde a margem esquerda do Itajaí Açu até as divisas de Itapocu. Ali, na igreja de estilo grave e singelo, perpetuava-se a tradição das antigas soteriedades da virgem do Rosário, com as suas danças de escravos, as suas congadas, as suas festas do Divino, com o seu imperador e os seus pajens, numa feliz condescendência com as



«A Igreja da Penha que acaba de ser demolida»

ingênuas interpretações religiosas e os hábitos simplórios de uma população de gente tão boa quanto humilde e crédula. Luís Rodrigues Pereira, que edificou a igreja à sua custa deixou tradição de homem de grandes posses e de um grande coração. Quando as armações de baleias que existiram durante muitos anos nas costas catarinenses foram levadas á hasta pública, o Cirurgião Luís, como era mais conhecido, ficou com a de Itapocoroia. Dirigiu-a até sua morte, quando então a empresa entrou em decadência até a sua completa extinção. A Armação de Itapocoroia foi das mais rendosas, havendo anos que as baleias abatidas eram contadas ás centenas. A imprevidência dos nossos govêrnos no que se refere à preservação dos monumentos históricos permitiu que as ruínas da Armação fôsem, pouco a pouco, sendo depredadas. Os enormes tachos para ferver azeite, os grandes depósitos de pedra, os fornos de grande capacidade, tudo desapareceu sem que houvesse uma voz a clamar contra êsse verdadeiro barbarismo. Ainda hoje existem, mas já cobertos pela erosão e pela capoeira, os alicerces da Casa Grande e da sensala, vestígios dos depósitos de azeites e dos fornos em que êste era ex-

traído. Mas a cada dia que passa, maior é a depredação que ameaça o desaparecimento completo de construções que lembram uma das mais interessantes épocas não apenas da região, mas também da de toda a província catarinense.

E, agora, é a igrejinha da Penha que vem abaixo para dar lugar à construção de um novo templo. Com essa demolição cometeu-se um grande erro, já não falando no verdadeiro crime que é a destruição de monumento que tem muito que ver com o passado do nosso Estado. Um erro porque é de todo inconveniente a construção de uma nova igreja no local da antiga, local impróprio, apertado entre duas filas de casas de moradia, numa curva de estrada movimentadíssima. Que a velha igrejinha ali estivesse, se compreende. Mas se construir outra em sua substituição é falta para o qual não encontramos justificativa, tanto mais quando existem, nas proximidades, locais bem mais altos e apropriados à finalidade.

Fazemos destas colunas um veemente apêlo à autoridade diocesana, e essa admirável figura de sábio e de santo que é Dom Joaquim Domingues de Oliveira, sacerdote e escritor dos mais cultos e sensatos, para que não permita se repitam desrespeitos dessa ordem ao culto do nosso passado tão belo e tão digno de preservação.

FILATELIA

(DADOS RELACIONADOS COM O VALE DO ITAJAÍ)

Durante o ano de 1965, o Departamento dos Correios e Telégrafos autorizou o uso dos seguintes carimbos comemorativos especiais:

Nas agências postais de Blumenau, Indaial e Rio do Sul, de 30 de junho a 15 de julho foi aplicado o carimbo comemorativo do CINQUENTENÁRIO DA CÂMARA JÚNIOR. Características: Formato retangular horizontal, de 3,5 x 4,5 cm., de metal, em tinta preta. Esse carimbo foi aplicado também em outras agências de vários Estados brasileiros onde a Câmara Júnior tem núcleos representativos.

Na agência de Brusque, de 9 a 16 de outubro foi aplicado um carimbo comemorativo da PRIMEIRA EXPOSIÇÃO FILATÉLICA MIRIM ESTADUAL, realizada naquela cidade. O carimbo é de formato triangular, de 36 x 40 mm., de metal, em tinta preta, contornado por um frizo singelo dentro do qual lêem-se os seguintes dizeres: Brusque - S. C. 1.^a Exposição Filatélica Mirim Estadual. Ao centro, como motivo especial, vê-se o símbolo das Olimpíadas; no interior do triângulo na parte superior, em dois lances horizontais a palavra CORREIOS e a data fixa de 9 a 16 de outubro de 1965. Foi aplicado exclusivamente na agência postal de Brusque.

Na agência postal de Brusque - Comemorativo dos VI JOGOS ABERTOS DE SANTA CATARINA, de 9 a 16 de outubro, em formato circular, com a dimensão de 35 mm., metal, em tinta preta. Acompanhando o formato circular lêem-se os seguintes dizeres: «VI JOGOS ABERTOS DE SANTA CATARINA» - BRUSQUE - S. C., de 9 a 16 de outubro de 1965.

No círculo médio; na parte superior lê-se a palavra «Correios» e na inferior: Campeonato de Xadrez. Como motivo principal vê-se uma torre, uma cabeça de cavalo e um tabuleiro de xadrez.

Na Agência de Blumenau, de 23 de outubro a 7 de novembro. Carimbo comemorativo da 4.ª Feira de Amostras de Santa Catarina. Carimbo de formato retangular vertical dentro do qual, na parte superior, em dois lances, lêem-se os seguintes dizeres: IV FEIRA DE AMOSTRAS DE SANTA CATARINA - BLUMENAU e a data fixa de 23 de outubro a 7 de novembro de 1965. Ao centro, como motivo principal vê-se uma roda dentada e dentro desta a palavra FAMOSC, tendo no lado direito a palavra CORREIOS. Foi aplicado exclusivamente em Blumenau, na Agência Postal estabelecida no Pavilhão da 4.a Feira de Amostras.

Na Agência postal de Rodeio - S. C. Carimbo comemorativo do CINQUENTENARIO DA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS - CINQUENTENARIO DE FUNDAÇÃO - CORREIOS. Ao centro, como motivo principal, vê-se a imagem de Nossa Senhora, circundada pelos dizeres: «IDE ANUNCIAR O EVANGELHO» 1916, RODEIO - Santa Catarina 9 de janeiro de 1966».

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

A paróquia de Rodeio foi criada em 1895 e confiada aos padres franciscanos. Pertenciam a essa paróquia: Jaraguá, com o seu vasto território, Rio dos Cedros, Ascurra, Hansa, Rio do Sul, e Rio do Oeste, distritos que atualmente são paróquias independentes e mesmo municípios. Em 1910, nessa paróquia de Rodeio, havia 23 capelas com escolas anexas com 1.107 alunos, Seu primeiro vigário foi Frei Luciano Korte, de saudosa memória.

O NOVO GOVERNO DE BLUMENAU



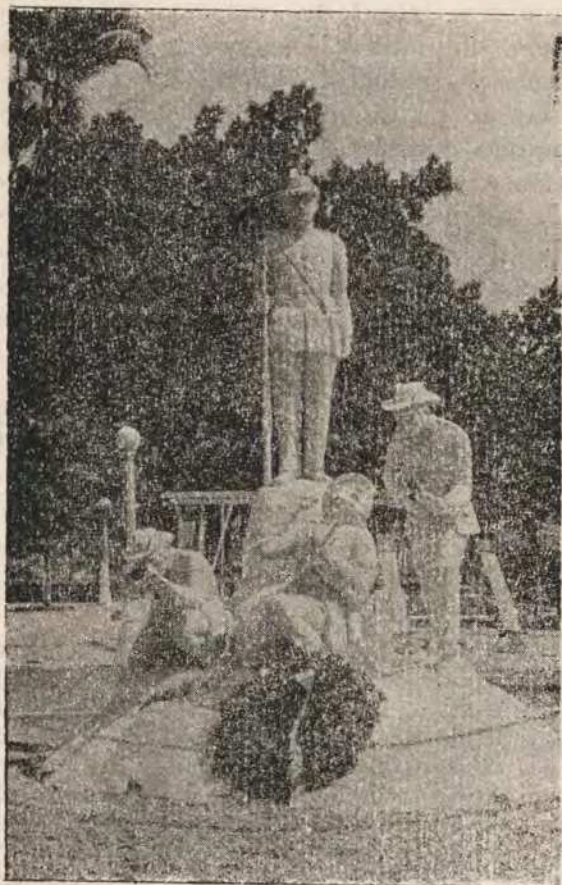
A fotografia acima fixa o momento em que o Sr. Hercílio Deeke, cujo mandato de Prefeito Municipal extinguiu-se a 31 de janeiro, último, transmitia, em expressivo discurso, o governo do Município de Blumenau ao Dr. Carlos Curt Zadrosny, eleito em 3 de outubro de 1965.

A cerimônia realizou-se no Paço Municipal, primeiramente na Sala de Sessões da Câmara Municipal. Esta, em reunião solene, tomou o compromisso legal do novo prefeito, investindo-o no exercício do alto cargo. Foi saudado, na ocasião, pelo Vereador Dr. Wilson Gomes Santiago. No salão nobre da Prefeitura, realizou-se o ato da transmissão do cargo. O prefeito eleito, após a oração do Sr. Hercílio Deeke, pronunciou substancial discurso em que se referiu aos planos que pretende pôr em execução durante o seu mandato.

Agradecendo ao Sr. Hercílio Deeke a consideração e as atenções com que sempre nos distinguiu e o auxílio que prestou a "Blumenau em Cadernos", fazemos votos para que a administração do novo edil, o dr. Carlos Curt Zadrosny, seja das mais proveitosas.

AOS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Foi, sem dúvida, das mais felizes, a iniciativa da Prefeitura Municipal, mandando levantar à praça Governador Hercílio Luz, um monumento



comemorativo do centenário da partida, para os campos do Paraguai, de um grupo de 76 voluntários, colonos blumenauenses que, acudindo ao apêlo do govêrno imperial, deixaram família e propriedade para se baterem em defesa do Brasil.

A inauguração dêsse monumento — ora uma das mais belas e originais atrações urbanas — se deu a 5 de outubro do ano passado, data em que se completavam cem anos do embarque, em Blumenau, de um dos mais numerosos grupos de voluntários para o Destêrro, onde receberiam fardamento e instruções para, em seguida, seguirem para o campo da luta, no sul do país.

A cerimônia da inauguração foi das mais tocantes. Com a presença do sr. Prefeito Hercílio Deeke, do Comandante da praça, Cel. Paulo Mendes de Carvalho, da oficialidade do 23.º R. I., do Presidente e demais membros da Câmara Municipal, das demais autoridades, do vigário da paróquia e de grande massa popular, foi descoberto o monumento, após o que o sr. J. Ferreira da Silva pronunciou comovente oração, lendo a correspondência que, há exatamente 100 anos, o pastor O. Hesse dirigiu ao jornal joinvilense "Kolonie-Zeitung", narrando a expressiva cerimônia de despedida dos

voluntários blumenauenses. Pronunciou belo discurso, também, o pracinha Jorge Levy Malty que falou em nome dos seus companheiros de lutas na Itália. O ponto culminante da cerimônia, que chegou a arrancar lágrimas de muitos dos presentes, foi o instante em que o radialista Osny Jacobsen leu, em voz pausada e clara, os nomes dos Voluntários da Pátria que deixaram a vida nos campos paraguaios, e era executado, pelo corneteiro do 23.º R. I. o toque de silêncio, enquanto 21 salvas de canhão glorificavam a memória dos heróicos colonos. Coroas de flôres foram, em seguida, depositadas ao pé do monumento pelo sr. Prefeito Municipal e pelo comando do 23.º R. I. e por várias escolas municipais. Foi, realmente, uma digna comemoração, dentro de uma manhã reluzente de sol e de vida, essa que Blumenau prestou aos seus Voluntários da Pátria e cujo gesto de heroísmo, de despreendimento e de amor à terra brasileira acha-se agora eternizado num monumento digno de homens que, acima das próprias conveniências souberam colocar o dever de defender a terra que tão generosamente lhes abriu os braços.

O monumento é de autoria do escultor Miguel Barba, autor de outros trabalhos de grande valor artístico.

ESTANTE DOS CADERNOS

«COLONIZAÇÃO E PROPRIEDADE DE TERRAS NO RIO GRANDE DO SUL». N.º XIII dos «Cadernos do Rio Grande» - Sebalt Rüdiger. Secretaria da Educação e Cultura, Pôrto Alegre - 116 páginas. Formato 12/19 cm. - Sebalt Rüdiger, blumenauense radicado em Pôrto Alegre, tem se revelado um estudioso dos assuntos históricos. Pesquisador atento e consciencioso, vem prestando bons serviços aos que se interessam pelo estudo do passado, especialmente do Rio Grande do Sul, onde já reside há muitos anos. Tem publicado vários trabalhos e as suas anotações a respeito dos Almanques teuto-brasileiros são de incontestável utilidade para o conhecimento de diversos aspectos do desenvolvimento das letras no Brasil.

Agora, Sebalt Rüdiger nos aparece com mais um trabalho seu, desta vez editado pela Secretaria de Educação e Cultura, Divisão de Cultura, do governo do Rio Grande e com o «Caderno» N.º 13 dos «Cadernos do Rio Grande». É um trabalho minucioso, com fartas informações sôbre as concessões de terras no estado sulino, no século XVIII. Sem dúvida o livro em foco será de grande ajuda para os que se dedicam aos estudos dessa natureza. O trabalho honra o seu autor, quer pela leveza do estilo, quer pela maneira com que a matéria foi exposta e quer ainda pelo extraordinário volume de material examinado e comentado pelo autor. Nossos parabéns ao jovem blumenauense e às letras riograndenses por mais essa valiosa contribuição ao seu grande e brilhante acervo.

BLUMENAU DEBAIXO D'AGUA

(O nosso eminente e douto amigo, Dr. Egon Schaden, lente da Universidade de São Paulo, teve a gentileza de enviar-nos cópia da tradução da notícia que o jornal «Der Urwaldsbote», desta cidade, publicou no número de 8 de outubro de 1911 e que fôra transcrita pela «Revista Catarinense», de José Johanny, de Laguna, no primeiro volume, a páginas 115/118. Trata-se da grande enchente de 1911 e como seja assunto que tem grande valor histórico, abrimos as colunas dos «Cadernos» para transcrevê-la, agradecendo, de todo o coração, a lembrança do dr. Schaden.)

Desenrolou-se em Blumenau uma catástrofe horrível, a mais funesta a registrar-se na história desta colônia. O rio Itajaí em outros tempos a nossa veia vital, tornou-se, como já aconteceu uma vez, causa da nossa ruína. Chuvas torrenciais que caíram por alguns dias, fizeram transbordar o rio e subir as águas á altura da inundaçãõ em 1880, sendo desta vez o prejuizo incomparavelmente muito mais alto do que naquele ano; pois, 30 anos atrás. Blumenau, isto é, a cidade era ainda uma aldeia: no correr do tempo tornou-se cidade que gozava certa abastança, a qual agora fica aniquilada por muitos anos.

Entre nós está bem lembrada ainda a inundaçãõ de 1880, e em muitas casas ainda existem marcos demonstrando a altura das águas naquele ano. Atribuiu-se aquela inundaçãõ á coincidência de vários fatores, principalmente á maré da lua cheia, que começou depois das chuvas excepcionais de alguns dias. Daquela data em diante julgou se impossível a repetição de tal calamidade. As inundações posteriores, as de 1898, foram de muito menor alcance. Desde então tornaram-se mais e mais raras, parecendo, assim, que com o roçar dos matos, dando-se mais fácil escoamento ás águas pluviais, tivesse acabado o perigo de inundações.

Foi, como fica evidenciado, um otimismo mal fundado)

Na manhã do sábado, quando a água começava a alagar as ruas na parte mais baixa da cidade e quando ainda ninguém imaginava a gravidade do perigo que corríamos, chegou aqui um telegrama do Sr. Leopoldo Knoblauch, do Pouso Redondo, dizendo que na Serra tinha chovido durante 36 horas e que o rio levava enormes quantidades de água, devendo por isso preparar-se todos para o pior que pudesse acontecer. O aviso não se tornou geralmente conhecido, por que não se lhe deu a devida atenção visto não ter havido maiores inundações durante tantos anos. A água subiu docemente, porém sem cessar, enquanto que há trinta e um anos atrás subiu repentinamente, em uma noite. De hora em hora esperava-se que deixasse de subir; de hora em hora subia mais e isto continuou durante 48 horas seguidas, depois de ficarem submergidas as ruas. Quando finalmente se compreendeu a seriedade da situação, em muitas casas já era tarde demais para proceder-se a maiores trabalhos de salvação. A' toda pressa foram salvos apenas os objetos de grande valor, sendo completamente impossível o transporte de objetos pesados. Assim, portanto, foram estragados pelas águas numerosos pianos e muitos móveis preciosos. Alguns negociantes perderam quase o inteiro estoque de mercadorias, outros sofreram maiores prejuízos. Os materiais reser-

vados e até instrumentos dos operários, foram destruídos ou estragados. Só poucos ficaram sem prejuízo algum.

A noite de sábado para domingo, os habitantes passaram-na cheios de inquietação. A linha elétrica tinha sido interrompida, ficando ruas e casas às escuras. Pela madrugada o maior número das casas já estava cercado dagua, que continuava a subir. Os moradores refugiaram-se nos sótãos, ou nos andares superiores, e perseguindo-os a água até ali, saíram pelas janelas e embarcaram nos botes para salvar a vida; outros perseveraram, de pé na água, em suas casas, até baixar a cheia. A cidade igualava a um vasto lago, de cuja superfície se destacavam aqui e ali umas poucas casas, como ilhas isoladas. Além das duas igrejas e do convento dos frades franciscanos, todos situados a bastante altura, parece-nos que até a ponte da Velha só ficaram umas 20 casas fora dagua, e daí até a Itoupava Sêca talvez uma dúzia. Das restantes ficaram debaixo dagua umas até a altura das janelas, outras até ao telhado e mais outras até por cima da cumieira. No paço municipal a água parou no apoio da janela, na Escola Nova um pouco acima do segundo vidro da janela, no Hotel Holetz um pouco mais abaixo, na nossa tipografia exatamente à altura de 1,56m, na extensão da estrada de ferro cerca de 2m, na fábrica de Laticínios por cima das janelas. Ficaram fora dagua a casa particular do Sr. Schrader, o nôvo edifício do Clube Germânia, a casa do Sr. Deeke e a tipografia do «Blumenauer Zeitung», faltando, porém, só muito pouco para chegar á altura do assoalho.

Durante um dia e meio a comunicação da cidade assegurou-se por meio de bôtes e canôas, que iam e vinham, prestando socorro quando era necessário, em alguns casos justamente em tempo. Perda de vida, pelo que sabemos, não a houve, apesar de se terem espalhado boatos que a asseguram. Tão grande é o prejuizo material que por enquanto não se o pode calcular. Afogaram-se também muitos animais, principalmente porcos e galinhas. As vacas e cavalos salvaram-se nos morros. Na manhã de domingo, quando a água subia mais ligeiro, o terror e a confusão eram gerais; homens clamando socorro ou lamentando a perda de tudo o que possuíam; vacas a mugir, porcos a gritar como se estivessem sendo mortos. Ouvia-se o estalar dos ranchos e casas de madeiras que caíam. Muitas dessas casas foram levadas pelas águas e viradas até ficar o assoalho para cima. Nas ruas flutuavam trastes de casas entre peças de madeiras partidas, que em parte ficaram suspensas nos fios telegráficos ou na linha elétrica. Para onde se dirigia a vista não se via senão confusão e desolação.

O rio passou rápido,veloz, carregando troncos enormes de árvores, madeiras de construção, partes de pontes, etc... Acima da cervejaria do Sr. Rischbieter a torrente procurou nôvo leito, mandando para a direita um braço, o qual, passando entre a padaria do Sr. Lang e a escola particular do Sr. Hertel, formou uma verdadeira cachoeira de 2m, de altura. A Ponta Aguda foi levada até a casa do barqueiro, a qual tambem está para cair. Desta maneira a correnteza ficou um tanto desviada da margem direita, muito em proveito da cidade baixa.

As famílias que tiveram de deixar suas casas foram recebidas amigavelmente por aqueles cujas casas ficaram fóra dagua. Alguns passaram a noite no mato, onde construíram ranchos de palmitos. Cêrca de 200 pessoas

refugiaram-se no convento dos frades franciscanos, onde foram hospedadas nas salas da escola. Os intrépidos monges patentearam nesses dias de verdadeiro infortúnio uma grande abnegação e sincera hospitalidade, que nunca lhes serão esquecidas. Também a casa do pastor evangélico abriu as suas portas a várias famílias, dondo-lhes abrigo.

Na segunda-feira ás 2 horas da tarde a água alcançou a máxima altura, medindo-se no fluviômetro 16/29m. acima do nível normal do rio. Em seguida a água começou cair, primeiro devagar; depois mais ligeiro e outra vez mais devagar. Agora, que as ruas estão fora d'água, a cidade outrora tão risonha oferece um aspeto horroroso. Em tôdas as casas notam-se os vestígios da inundação; os quintais parecem montes de ruínas, as casas estão cheias de lama e lixo.

A chuva contínua fez demorar muito os trabalhos de limpeza. Do lodo do rio desabaram diversas dependências, como cozinhas e armazens. Muitas casas de moradias sofreram grandes estragos, ficando abatidas e fendidas, outras ameaçam ruir. Em algumas das que estiveram quase inteiramente sob água tem-se diante dos olhos um horrível espetáculo de destruição: os tetos caídos, as paredes rasgadas, os móveis uns em cima dos outros, no chão, quebrados e estragados, os assoalhos cobertos de uma espessa camada de lama, que exala um cheiro repugnante. Quantos lares tranqüilos ficam assim totalmente arruinados.

Será um problema difficilimo, durante o próximo tempo vindouro, o de casas de moradia. Os inquilinos das casas que a água encheu até ao telhado, não poderão tão cedo tornar a morar nelas, e se o fizerem, não havendo outro remédio, não deixarão de aparecer moléstias das que costumam grassar depois de grandes inundações. Tempos difíceis, pestilência e carestia é que nos esperam, segundo todas as aparências.

Não se pode ainda dar idéia geral da situação da colônia, pois que foram cortadas as vias de comunicações, chegando-nos apenas escassas notícias. Alguns distritos, como a do Garcia, do Encano e do Indaial, ao que parece, pouco sofreram. Neste último lugar a água penetrou somente em poucas casas, não obstante esta enchente ali mais alta do que em 1880. Na Itoupava-baixa dizem que é enorme o prejuizo, na de cima é pequeno. Do vale do Testo até agora só temos notícias duvidosas, entre outras a de ter sido arrebatada a ponte de Pomerode. No Timbó a água elevou-se até passar por cima do balcão da venda do sr. Richard Paul, julgando-se lá impossivel poder a cidade inteira ficar debaixo d'agua. Pelo que se nos referiu, o vale do Rodeio esteve todo inundado. Na Hansa o dano é grande. Também está toda cortada a comunicação com esta parte da colônia. Da situação da colônia mais acima nada sabemos de certo; julgamo-la, porém, péssima nas margens do Braço do Sul.

Por toda parte as plantações estão devastadas, principalmente nas férteis baixadas dos afluentes os pastos estão cobertos de lama e areia. Quanto aos alimentos para os homens e pastos para animais as coisas vão muito mal. Os nossos colonos têm tempos difíceis diante de si.

A estrada de ferro teve de suspender o serviço no sabado e só daqui a muito tempo poderá recomeçá-lo na linha inteira até à Hansa. Ver-

dade é que as pontes resistiram à impetuosidade das torrentes, mas houve grandes estragos em muitos trechos da linha e o restabelecimento da mesma consumirá grandes somas. Felizmente a usina elétrica no Gaspar Pequeno ficou em bom estado; haverá, porém, muito a consertar na linha, de modo que por enquanto não se poderá contar com luz, nem força. Em péssimas condições acham-se as nossas vias de comunicação. Numerosas pontes foram se com as águas, bueiros caíram em ruína, caminhos foram sepultados por terras desprendidas das ladeiras e dos morros. 500 contos de réis mal chegarão para restabelecer tudo como estava.

FOLCLORE TEUTO BRASILEIRO

Discordamos dos autores que, tratando do folclore das colônias alemãs dêste e de outros estados, incluem até manifestações evidentemente pertencentes a práticas trazidas da metrópole e das possessões portuguesas para o litoral de Santa Catarina, pelos primeiros povoadores.

Incluir as danças de roda, o boi-de-mamão, os benzimentos, os encantamentos etc. entre as expressões folclóricas de Blumenau, Brusque, e das demais colônias alemãs, não nos parece acertado. Por que algumas centenas de tijuicanos, de gente de Camboriú, de Itajaí e de outros pontos do litoral transferiram-se para alguma dessas colônias e ali, de quando em quando, se lembram de fazer, ente êles, "brincadeiras de boi", ou cantorias de reis e de Santo Amaro, não quer isso dizer que isso seja folclore dessas colônias. O próprio significado da palavra o confirma. Folclore entre outras definições, é "o estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas em suas lendas, crenças, canções e costumes". O assunto, entretanto, comporta argumentações e o estudo de teses que não são, propriamente, o escopo desta nota. Ainda voltaremos a tratar dêste caso quando, então, desenvolveremos com maiores minúcias o nosso pensamento que acreditamos seja o esposado, também, pelos mestres do folclore nacional.

O que nos ensejou êstes breves comentários, foi o desejo de trazer para esta edição dos «Cadernos», uma poesia de Jorge Knoll, que roputamos de sumo interêsse para o estudo do que julgamos ser, realmente, o folclore das colônias alemãs no Brasil. Raul Deeke, no "Livro do Centenário de Blumenau" já se referira ao linguajar do colono teuto que assimilara algumas e corrompera outras palavras do português, enxertando-as no seu alemão macarrônico. Vários exemplos foram citados. E é pena que Raul Deeke, que pelo convívio que teve, por muitos anos, com colonos e caboclos da zona de colonização do Vale do rio Hercílio, não tivesse prosseguido nos seus estudos e observações nesse particular. A poesia de Jorge Knoll, que vai reproduzida adiante, é tipicamente dêsse gênero folclórico que também o Professor Custódio Campos versou em alguns artigos, como "Falares brusquenses" e "Falares blumenauenses". Sôbre Jorge Knoll teríamos muito que dizer. Foi um dos alemães imigrados em Santa Catarina que maiores serviços prestou à literatura teuto-brasileira. Escreveu inúmeros contos em alemão, versando, em sua maioria, assuntos nacionais e, especialmente, serranos de Santa Catarina. Manejava com relativa correção o idioma nacional também, tendo nos deixado varios artigos e contos em português, Ainda voltaremos a falar dêsse

escritor, traçando-lhe ligeira biografia.

A poesia a que nos referimos é esta, que, como poesia mesmo, pouco tem de notável mas sob o ponto de vista folclórico é muito expressiva:

DEUTSCHBRASILIANISCH

João, der Johann. Pedro, Peter,
gingen in das Feld, die Roça,
den Machado hat der Johann,
und die Axt hat sein Genosse.

João trägt eifrig die chaleira,
Peter hat den Topf beim Kragen;
João schleppt sich mit Pinienreisern,
grimpas muss der Peter Tragen.

Pedro geht mit der Isqueira,
Feuerzeug mit Stahl und Zunder;
João trägt andere tarecos
und der Peter andren Plunder.

Pfeife raucht der gute Peter,
Doch der João der raucht Cachimbo;
Fumo raucht der Peter langsam,
Tabak raucht der João geschwinder.

Pedros Roça ist geschlagen
und der Wald längst derrubado.
Johanns Feld hat Schlechte Erde;
den das Land ist schon cançado.

Peter trinkt den Herva mate;
denn er liebt den Chimarrão,
Tee aus Paraguay hier lutschend
sehen wir den guten João.

Milho pflanzt der gute Peter,
doch den Mais den pflanzt der João,
Bohnen pflanzt auch der erstre,
doch der andre pflanzt feijão.

Eine Mula hat zum Reiten
hier der Peter in der Flur,
João ist nicht so reich zu nennen;
denn er hat ein Maultier nur.

Deutsch spricht klar der gute Peter,
para ensinar die Kinder.
Weder Deutsch noch Brasilianisch
sprecht ihr beiden Spracheschinder.

A COLONIZAÇÃO DO OESTE

O extremo oeste catarinense foi colonizado por alemães e teuto brasileiros vindos do Rio Grande do Sul, orientados pela Volksverein. Esta era uma sociedade de indivíduos de língua alemã, católicos, fundada e orientada pelo padre jesuíta Teodoro Amstadt que, verdadeiramente interessado na sorte dos colonos e filhos de colonos católicos do Rio Grande, batalhou bravamente para melhorar-lhes a situação, não apenas fundando novas colônias para o estalecimento dos excedentes das velhas colônias gaúchas, mas orientando-os também e especialmente as gerações novas, para que não se desviassem dos princípios que lhes haviam inculcido os primeiros imigrantes.

No extremo oeste de Santa Catarina, nas divisas com a Argentina, haviam terras extensas e férteis, completamente despovoadas. Ali a Volksvereinkolonization fundou vários estabelecimentos, entre os quais o de Pôrto Novo, atualmente denominado Itapiranga, que é séde de município florescente. Ao padre Amstadt e aos seus companheiros de hábito e de direção da Sociedade, Padre Rick e Padre Lasberg e alguns leigos abnegados, deve o Estado de Santa Catarina o florescimento de uma das mais ricas zonas do seu território.

A 17 de maio de 1891, aconteceu em Blumenau um caso excepcional: Nêsse dia, realizou-se, no templo evangélico, a cerimônia de confirmação de um grupo de adolescentes. Isso era comum. O fato repetia-se anualmente, por ocasião das festas do Espírito Santo. Mas o que havia de extraordinário nesse acontecimento era que entre os confirmandos havia duas netas e uma bisneta de Pedro Wagner, o mais velho habitante de Blumenau e que ainda vivia e assistiu à cerimônia. O caso era o primeiro em Blumenau e um dos raros no mundo, de vez que a confirmação só é conferida a adolescentes acima de 12 anos, de um modo geral.

Em meiado de 1891, deu-se no caminho entre Blumenau e Curitiba um assalto de bugres que foi uma verdadeira batalha entre tropeiros e indígenas. Êstes, em número que foi calculado em 300 caíram sôbre uma tropa que marchava pelo citado caminho. 5 tropeiros e 9 bugres pereceram na refrega. 27 mulas carregadas desapareceram. Sômente um tropeiro escapou com vida e assim mesmo com vários flechaços. Ficou-se em dúvida sê o assalto fôra levado a cabo pelos botocudos ou pelos coroados. Acreditava-se mais na probabilidade de terem sido êstes últimos, talvez dos que costumavam descer, em bandos, dos campos de palmas e do oeste paranaense, pois alguns dêles falavam o portugrês.

IMPRESSOS EM GERAL

GRÁFICA 43 S.A. **INDÚSTRIA E
COMÉRCIO**

OFICINAS E ESCRITÓRIOS:

RUA 7 DE SETEMBRO, 10

CAIXA POSTAL, 90

TELEGRAMAS: «IMPRESSORA»

BLUMENAU - SANTA CATARINA

LITOGRAFIA — FOTOLITOGRAFIA

OFFSET — TIPOGRAFIA

FABRICAÇÃO DE CAIXAS DE PAPELÃO

— *Consultem os nossos preços* —

Companhia Comercial SCHRADER

RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

CAIXA POSTAL, 4 — End. Telegráfico: «CIASCHRADER»

BLUMENAU - SANTA CATARINA

107 Anos de tradição no Comércio de Santa Catarina.

MOBIL OIL

MERCEDES-BENZ

DUNLOP

NOVA E MODERNA OFICINA MECÂNICA E SECÇÃO DE
PEÇAS «MERCEDES - BENZ» — RUA ITAJAÍ, 625

GRUPO BOA VISTA DE SEGUROS

SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais.